



O Ideário Patrimonial О идеарио

*O Carácter Epistemológico da
Cultura*



www.cta.ipt.pt

N. 13 // dezembro 2019 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Instituto Politécnico de Tomar | Centro das Arqueologias

EDITORES

Ana Pinto da Cruz, Instituto Politécnico de Tomar

Doutor José d' Encarnação, Universidade de Coimbra

EDIÇÃO E SEDE DE REDACÇÃO

Instituto Politécnico de Tomar | Centro das Arqueologias

DIVULGAÇÃO

Em Linha

DIRECTORES-ADJUNTOS

Professora Doutora Teresa Desterro, Instituto Politécnico de Tomar

Professora Especialista Fernando Salvador Sanchez, Instituto Politécnico de Tomar

Doutor Gustavo Portocarrero, Faculdade de Belas-Artes, da Universidade de Lisboa (CIEBA)

CONSELHO CIENTÍFICO

Professor Catedrático Carlos Costa, Universidade de Aveiro

Professor Doutor Carlos Cupeto, Universidade de Évora

Professor Doutor André Luis Ramos Soares, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Professor Doutor Fabio Negrino, Università degli Studi di Genova

Professora Doutora Hália Santos, Instituto Politécnico de Tomar e Directora do ESTAJornal

Professora Doutora Maria João Bom, Instituto Politécnico de Tomar

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem© | Instituto Politécnico de Tomar

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN 2183-1394

LATINDEX folio nº 23591

ANOTADA DA ERC | REGISTADA NA INPI

© Os textos são da inteira responsabilidade dos autores



Índice

EDITORIAL	06
ARA DEDICADA A JÚPITER IDENTIFICADA EM CÁRQUERE (RESENDE) José d'Encarnação & Carla Vicente	08
O PAPEL ENQUANTO SUPORTE GRÁFICO - BREVES NOÇÕES DE CONSERVAÇÃO - Joaquim Pombo Gonçalves	20
PARADIGMI VISIVI E PROCESSI COGNITIVI Massimo Squillacciotti.....	33
I COLORI DEL SOGNO DI GATSBY: PROPOSTA DI ANALISI SEMIÓTICA Paola Tinè	41
LENDAS E MITOS RURAIS E URBANOS DE MOÇAMBIQUE (UM MUNDO EM EXTINÇÃO?) Marco Valente	49
DIMENSÕES ENTRE A MUSEOLOGIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO BRASIL: CAMINHOS E TRANSFORMAÇÕES José Antônio de Sousa	73
DIDÁCTICA, ARQUEOLOGÍA PÚBLICA Y EDUCACIÓN PATRIMONIAL EN EL PARQUE MUSEO ARQUEOLÓGICO DE TUNJA – UPTC Laura López Estupiñán	87
DISCONTINUE DE L'AUTENTICITE OU AUTHENTICITE DE LA DISCONTINUE? MARRAKECH A L'ÉPREUVE DU TOURISME DE MASSE Khalid El Housni, Nabil Oursafi, Larbi Safaa, Faysal Lemjidi	99
L'INTERPRETATION DU PATRIMOINE: DU CONCEPT A L'INSTITUTION - LE CAS DU MAROC Mohamed Lazhar	114
PLACE JAMAÄ EL FNA À MARRAKECH: D'UN ESPACE UTILITAIRE À UNE VALEUR PATRIMONIALISÉE Mina El Hilali	128
UNE ÉTUDE LONGITUDINALE DE LA CLASSIFICATION DES HÔTELS SUR TRIPADVISOR. VERS UN CHANGEMENT DES STRATÉGIES DE COMMUNICATION POUR UN MANAGEMENT EFFICACE DE LA E- REPUTATION, APPLICATION AU SECTEUR DE L'HOSPITALITY AU MAROC Youssef El Azyzy	154

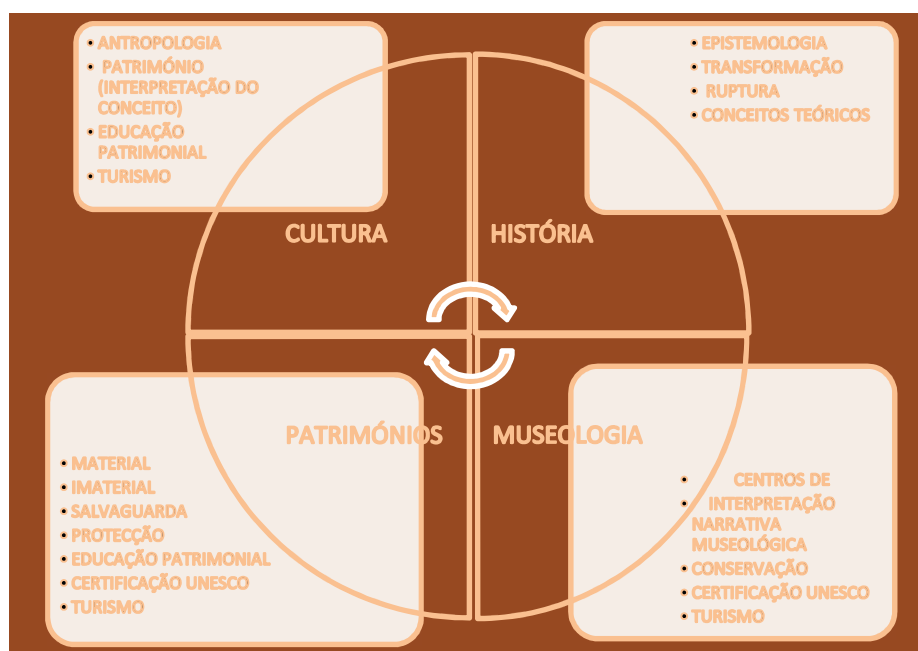
EDITORIAL

Os dois primeiros artigos (*Ara Dedicada a Júpiter identificada em Cárquere (Resende)*; *O Papel enquanto Suporte Gráfico - breves noções de conservação -*), ainda sobre temáticas diversas, debruçam-se sobre o valor inestimável da Epigrafia, transportando-nos para uma realidade dos tempos da ocupação Romana; enquanto, para por essa mesma razão a Conservação, Restauro e Arquivística empresta quer à História, quer à Pré-História, uma mais-valia no tocante às descobertas colocadas à vista através do suporte que minimiza prejuízos, que fariam parte do silêncio da escrita.

Já os dois artigos seguintes debruçam-se sobre correntes teóricas das Ciências Humanas e das Artes (*Paradigmi Visivi e Processi Cognitivi*; *I Colori del Sogno di Gatsby: Proposta di Analisi Semiótica*), revestindo-se de um cariz paradigmático, relativamente à imagem e à leitura, nos quais existe lugar para perspetivas cognitivo-filosófico.

Lendas e Mitos Rurais e Urbanos de Moçambique (Um Mundo em Extinção?) leva-nos para um Universo Imaginário, utilizando metodologias próprias desta área do Conhecimento, totalmente preenchido pelo afã na Protecção e Preservação do Património Imaterial da República Moçambicana.

Os artigos seguintes valem pela variada aproximação à Museologia, ao Património e ao Turismo no Brasil, na Colômbia e em Marrocos (*Dimensões entre a Museologia e Educação Patrimonial no Brasil: Caminhos e Transformações*; *Didáctica, Arqueología Pública y Educación Patrimonial en el Parque Museo Arqueológico de Tunja – UPTC*; *L'Interpretation du Patrimoine: du Concept a L'Institution - Le Cas du Maroc*; *Place Jamaä el Fna à Marrakech: d'un Espace Utilitaire à une Valeur Patrimonialisée*); *Une Étude Longitudinale de la Classification des Hôtels sur TRIPADVISOR. vers un Changement des Stratégies de Communication pour un Management Efficace de la E-Reputation, Application au Secteur de L'Hospitality au Maroc*). Qualquer um destes artigos aborda a Salvaguarda e Protecção dos Patrimónios, com base em correntes teóricas diversas, neles incluindo o factor económico que alavanca as economias locais de cada País.



20 de Dezembro de 2019

Ana Cruz

**LENDAS E MITOS RURAIS E URBANOS DE MOÇAMBIQUE
(UM MUNDO EM EXTINÇÃO?)**

**RURAL AND URBAN LEGENDS AND MYTHS IN MOZAMBIQUE (AN
ENDANGERED WORLD?)**

Recebido a 30 de outubro de 2019

Revisto a 15 de novembro de 2019

Aceite a 25 de dezembro de 2019

Marco Valente

Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto;
Pós-graduado em Arqueologia pela Universidade Fernando Pessoa;
Mestre em Portugal Islâmico e o Mediterrâneo pela Universidade do Algarve/Campo
Arqueológico de Mértola
Membro colaborador do CTA-IPT
Rua da Sociedade Filarmónica 1º de Dezembro, n.º 59, 7940-140 Cuba, Portugal
marcopvalente@gmail.com

Resumo

Este artigo pretende apresentar uma série de recolhas inéditas, efectuadas entre Janeiro de 2018 e Novembro de 2019 – trabalho que se encontra a ser efectuado em contínuo presentemente. Tenta proporcionar o registo actual de uma série de episódios e figuras lendárias, que ocupam o imaginário dos diversos Povos e Etnias Moçambicanos. Acreditámos que era necessário registar quais os episódios, figuras míticas, locais sagrados, que ainda nos nossos dias se encontram presentes no imaginário comum. Verificamos que nas áreas rurais, o Animismo está profundamente enraizado, complementando as áreas urbanas, onde o desenvolvimento modificou hábitos, mas manteve uma série de mitos urbanos, igualmente com raízes ancestrais. O estudo mais apurado de todas estas recolhas urge ser feito, mas, contudo, também era pertinente esta recolha, pois muitos dos que guardam ainda estas memórias do passado desaparecem, levando para o além-túmulo todas estas figuras e episódios. As novas gerações, fascinadas pelo desenvolvimento tecnológico recente abstraem-se de todos estes mundos tradicionais, figuras e mitos passados, de um modo geral. Estaremos a assistir à morte de deuses e mitos? Ou à sua mera transfiguração decorrente do passar dos tempos?

Palavras-chave: Mitos, Lendas, Moçambique, Mundo Rural / Mundo Urbano

Abstract

This article aims to present a series of unpublished stories, recollections carried out between January 2018 and November 2019 - work that is currently continuously ongoing. It seeks to provide the current record of a series of legendary episodes and figures that occupy the imaginary of the various Mozambican Peoples and Ethnicities. We believe it was necessary to record which episodes, sacred places, mythical figures, were still rooted in the common imaginary today. We found that in rural areas, Animism is deeply rooted, complementing urban areas, where development has changed habits, but has retained a series of urban myths, also with ancestral roots. The most accurate study of all these collections needs to be accomplished, but this collection was also urgent, because many of those who still keep these memories of the past die, taking all these figures and episodes to the grave. New generations, fascinated by recent technological development, abstract from all of these traditional worlds, figures and past myths in general. Are we watching the death of gods and myths? Or its mere transfiguration due to the passing of time?

Keywords: Myths, Legends, Mozambique, Rural World / Urban World

1. Lendas e Mitos Rurais e Urbanos de Moçambique (um Mundo em Extinção?)



Figura 1. Moçambique, montanhas e *macutis* nas proximidades de Mueda – povoação da Província de Cabo Delgado. Fonte: foto de Marco Valente

“*Moçambique, que palavra tão bonita...*” Assim o dizia uma canção de meados do século XX, que me habituei a escutar. De facto, só vivenciando Moçambique, em todos os seus contextos, lidando com todas as suas gentes e etnias, de Norte a Sul, nos possibilita compreender em toda a sua plenitude a letra desta canção.

Povos que lutam no seu dia-a-dia por uma vida melhor, para si e para todos os seus. Pessoas buscando trabalho, um futuro, dignidade, respeito. Gente humilde, acolhedora, fraterna – sem qualquer tipo de primitivismo romântico envolvido.

Os espaços rurais, onde o Tempo é mais lento, quase inexoravelmente imutável, inserem anciãos que neles habitam, encarnando o papel de guardiães das memórias e tradições.

Nas cidades, grandes aglomerados populacionais, como por exemplo na cidade da Beira, personagens como *Guira*, *Chipowko*, *Anapaches*, não encontram espaço mitológico terrífico para assustar o mais comum dos mortais. Para as Cidades ficam reservados os Mitos Urbanos, como o do Fantasma que pede ou apanha boleia¹ ou o Fantasma do marido que vai comprar um

¹ Se bem que esta história do Fantasma que pede boleia encontra raízes ancestrais. E contínuas mutações no contínuo baile e reformulações dos personagens envolvidos. Tal como a história dos “Companheiros de Emaús” apropria-se de uma história de Roma Antiga: Conta-se que um certo *Proculus*, ao viajar numa estrada de Alba Longa em direcção a Roma [todos os caminhos vão dar a Roma], depois dos Romanos terem descoberto que o corpo de *Romulus* [lendário fundador de Roma] tinha desaparecido, este, encontra-o no caminho. *Romulus* explica-lhe então os segredos do Reino (como conquistar e governar o Mundo). *Romulus* ascende então ao Céu

maço de tabaco, abandona a família, não regressando jamais a esta (história comum a Portugal e a tantos *Filhos do Vento* que ficaram para trás devido a circunstâncias da vida, durante o período pós-descolonização.

1.1. O Fantasma que apanha boleia



Figura 2. O Fantasma que apanha boleia. Fonte: desenho de Marco Valente

Relativamente ao Fantasma que apanha boleia, uma história é comum a Portugal, nos seus vários relatos, também aqui por Moçambique:

“Era uma vez um senhor, aquilo de passear nas discotecas, sei lá o quê, e conheceu uma moça. Conheceu, passearam, conviveram juntos, levou de boleia para em casa deixar. Deixou-a, emprestou o casaco e disse: «Qualquer dia que eu venho buscar o casaco!» Ela estava com frio. Tirou o casaco dele, deu. Deixou-a em casa, à porta de casa mesmo deixou e o senhor foi-se embora de mota. Quando chegou, resolveu ao outro dia, vou buscar o quê? O meu casaco com aquela moça. Quando chegou, chegou a casa daquela moça, bateu à porta, pediu licença e perguntou o nome daquela moça. Disseram: «Essa moça morreu há muito tempo! Nós estávamos cá com ela!» Disse: «Não! Eu há uns dias atrás estava com ela na discoteca, e eu emprestei o meu casaco a ela, porque estava com frio!» Disse: «Não, ela morreu há muito tempo!» Disse: «Não também, por acaso eu emprestei o meu casaco e está com ela!!!» Disse: «Para você confirmar, vamos ao túmulo dela!» E foram ao túmulo dela e encontraram o casaco pendurado na cruz. É quando ele ficou assustado. A ideia é: «Não dou mais boleia a ninguém²!».

e Proculus, reconhecendo quem ele era, segue para proclamar o que lhe foi dito – *Proculus* significa *O Proclamador*. Carrier, Richard (2014). *On the Historicity of Jesus*, Sheffield Phoenix Press.

² Informante: Margarida de Fátima Shevo Brança, 31 anos, nascida em Marromeu e a residir na Beira. Testemunho recolhido a 2 de Março de 2018 na cidade da Beira. Escutamos histórias similares na nossa juventude supostamente ocorridas no Norte de Portugal. Em Barcelos foi

Voltando ao Mundo Rural, a sua proximidade e interligação à Natureza na sua plenitude (Sol, demais astros e fenómenos astronómicos diversos, árvores, montanhas, rios, rochedos, grutas e outras cavidades) englobam os cenários perfeitos para que as ocorrências de personagens provenientes do mundo mágico, dos medos ancestrais e do desconhecido se possam manifestar.

1.2. Guira

Algumas dessas personagens prendem-se com o aparecimento de luzes inexplicáveis (Guira), que as pessoas associam às almas de defuntos, uma vez que os locais privilegiados para a observação desses globos que irradiam luz são os cemitérios. Surgem usualmente depois do sol pôr e a hora privilegiada para tais aparições ocorre usualmente por volta das 03:00 da madrugada.



Figura 3. Guira (luz de alma penada). Fonte: desenho de Marco Valente

“A estória que eu vou contar acerca de Guira, que significa Fantasma, foie m 2007, quando viajei com o meu pai para Machanga, íamos visitar a minha avó, de nome Chaíca, que vive no bairro de Mopangana. Então, numa madrugada eu pedi a ela para me acompanhar, para ir fazer algo necessário. Então, quando saímos para lá para for a, quer dizer, eu vi algo, que parecia fogo a arder. Sim, parecia uma forma humana, mas o que eu estava a ver mais parecia

recolhida nos anos 90 do século XX uma história similar In <http://www.lendarium.org/narrative/a-paixão-misteriosa-outra-versao/?category=96> [consultada a 02.03.2018]. Existem, no entanto, um total de 25 versões recolhidas em Portugal, maioritariamente da zona algarvia. No Brasil, existe uma versão da região de Alagoas que já é contada desde há mais de 100 anos: In <http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/11/lenda-da-mulher-da-capa-preta-faz-parte-da-historia-de-cemiterio-em-al.html> [consultada a 02.03.2018]. Existe até um Bloco Carnavalesco inspirado por esta mesma Lenda, onde se homenageia a protagonista da Lenda em si.

uma cabeça, porque o fogo acendia de baixo para cima, de baixo para cima. Tinha várias cores, uma parte que nem amarelo, outra parte que nem Vermelho assim. Eu achei uma coisa normal, só que ela também não me disse nada na hora. Eram umas 23 horas, já iam para as 00 horas. Estava um pouco distante. Era um pouco distante. Então aí eu entrei dentro da casa e a minha avó também me seguiu. E disse: «Viste aquilo que estava a acender?» Eu: «Sim, vi!» [avó]: «Aquilo é guira!» Daí eu fiquei muito assustada, daí que eu fui lhe abraçar e gemia por toda a coisa que me tocasse eu imaginava: «Ai, é agora!» Guira é a mesma coisa que nem Chipoko. Sim, é que é pesado né (?) a gente saber que perdemos alguém para mais tarde aparecer. É muito pesado. É complicado. É que, falando sério, Chipoko para mim já é um espírito mau, é aquela alma que não é recebida lá no céu. É uma alma Perdida, sim. Então é assustador. Por isso que eu tenho muito medo, muito medo mesmo. Mas cá na cidade da Beira hu humm... nao, não, nunca ouvi disso. Huuumm. E desde lá até agora nunca vi esse ditto fogo.”³

1.3. *N’pogore* (versão “branca” do *Chipoko/Chipokwo* Moçambicano)

Existem mais figurações reservadas ao mundo dos espíritos, visto que as sociedades africanas cultivam esses mitos e vivem sob o seu imaginário ainda hoje. Uma figura representada por um fantasma alto e branco como a luz, povoa ainda nos nossos dias esse imaginário sul-africano (comum à África do Sul e ao Sul de Moçambique, terra da Etnia maioritariamente *Xangana*). Mesmo que apenas em relatos incompletos acerca da sua existência. Reportamos o seguinte testemunho, tal e qual o escutamos e registamos em audio:

“*N’pogore* is something that you see if maybe there’s a Moon. You can’t see if it’s black. You see if the Moon is full and it’s white. That *N’pogore*. It’s a very, very, very long, long, long, long things. You see... If you see them if they’re there, when you came next to them, and then it’s going to spread, to break, it’s broken, because you’re very close to them. And then when you passed (it’s not as similar like a ghost, but that one is very very long and white white white white white white, like a T-shirt, is very white), yeah, so and then if then if it’s broken, when you pass and look them back you can find that again it’s higher again. So it’s very very long that one. That one we call *N’pogore*... Yeah, but I never see them, but people they’re saying that that’s a *N’pogore*, but I don’t know that *N’pogore*, what name what does it mean. I know the name *N’pogore*, that one I know, when we’re growing, they’re telling us about that, the old people.”⁴

³ Informante: Eleutéria Cayca Chaniço, 32 anos, natural da província de Sofala e a residir na Beira. Testemunho recolhido a 14 de Fevereiro de 2018 na cidade da Beira. O desenho que acompanha a presente história ilustra o que geralmente assinala uma sepultura cristã e outra muçulmana. Da parte cristã, um prato sobre o qual se coloca um copo translúcido de água são usuais, mas também objectos que eram estimados pelo defunto em vida: o brinquedo favorito de uma criança, os óculos de um adulto, a bengala de um idoso. Já as sepulturas islâmicas são bem mais simples na sua sinalização, recorrendo a pequenos seixos rolados recolhidos num rio e distribuídos aleatoriamente pela superfície e primeira camada de terra ou areia, ou ainda uma pedra aos pés e outra à cabeceira (mais recentemente uma lápide de cimento à cabeceira com inscrições e outra anepígrafa colocada aos pés).

⁴ “*N’pogore* é algo que verás talvez se existir uma Lua [cheia]. Não consegues ver se estiver escuro. Vês se a lua estiver cheia e estiver claro. Isso é o *N’pogore*. São coisas muito, muito, muito compridas, compridas, compridas. Verás. Se as vês, se elas estão lá, quando chegas perto delas e depois dissipa-se, parte-se, está partido, porque estás muito perto delas. E então, quando passas (não é tão similar a um fantasma, mas esse é muito comprido e branco, branco, branco,

1.4. *Chipoko / Chipokwo*

Existem algumas similaridades entre as mitologias da África do Sul e do Sul e Centro de Moçambique, pelo que vamos escutando e registando em termos de figuras míticas e lendárias. O *chipoko / chipokwo* é comumente descrito como uma sombra alta e sinistra, que surge na proximidade das árvores e que será uma alma Perdida, geralmente um mau espírito.

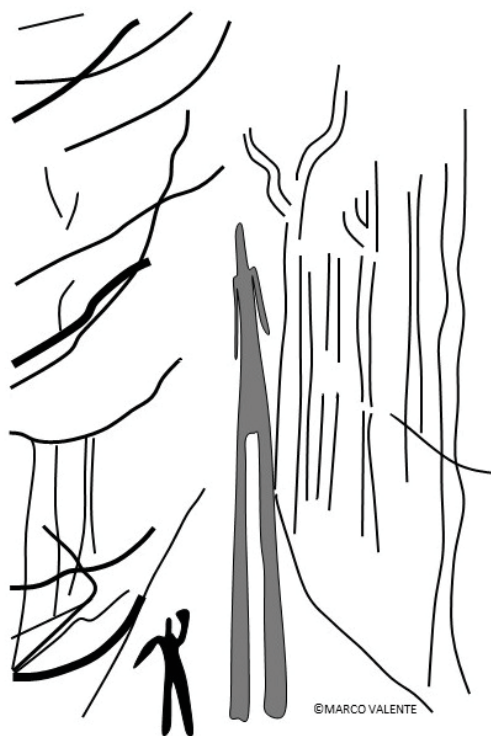


Figura 4. *Chipoko / Chipokwo* (sombra humanóide fantasmagórica). Fonte: desenho de Marco Valente

Os encontros com *Chipoko / Chipokwo*, geralmente não terminam nada bem, para quem tem a infelicidade de os encontrar ao seu caminho. Tal teria sido o caso de um professor, que da luta que teria tido com um *Chipoko / Chipokwo* acabaria por vir a falecer, em resultado de queimaduras fatais:

“É uma história de Muxungue, que sucedeu em Muxungue. É sobre um Professor que vivia lá, que supostamente lutou com um fantasma. Porque eu vivi em Muxungue, no ano de 2009, quando me contaram aquela história sobre um professor que lutou com um fantasma e que no dia seguinte faleceu porque estava com o corpo inchado.

branco, branco, branco, como uma T-shirt, é muito branco), sim, assim e depois e depois se está quebrado, quando passas e olhas para trás podes descobrir que novamente está alto novamente. Por isso é muito comprido aquele. Esse chamamos de *N’pogore*... sim, mas eu nunca os vi, mas as pessoas estão a dizer que aquilo é *N’pogore*, mas eu não conheço esse tal de *N’pogore*, o que é que esse nome significa. Conheço o nome *N’pogore*, esse eu conheço, quando estamos a crescer eles contam-nos acerca deles, os mais velhos. [tradução de Marco Valente]. Informante: Thomas Mulaudzi, 44 anos, natural de Limpopo, África do Sul. Testemunho recolhido a 26 de Fevereiro de 2018 num voo para Maputo.

Então a história é assim: O Professor tinha duas esposas, sim, então num dia antes dele, quando ele saía da escola ele levou o filho da segunda esposa que ia passear com ele para a primeira casa, onde havia a primeira esposa que ele havia casado. Então, quando lá chegaram, na noite antes de dormir, o filho chorava muito precisando da mãe, então quando ele percebeu que o filho não poderia calar-se nem por alguma coisa, ele levou o filho para ir devolver à mãe, na mesma noite, porque o filho chorava muito, chorava muito, então ele achou que fosse febre.

Quando levava o filho (era tempo de Inverno, tempo de frio, no mês de Junho, Julho, mais ou menos), então, quando ele levava o filho para a mãe, na mesma noite, ao longo da Estrada ele parou numa árvore para cumprimentar um senhor, supostamente um senhor que não conseguia ver nem a cara, ele só via uma sombra, sim. Então ele parou antes de passar, essa silhueta estava debaixo de uma árvore, quando ele parou para cumprimentar a primeira vez não respondeu, ele voltou a cumprimentar a segunda vez para confirmar se a pessoa ouviu ou não e não respondeu. Quando voltou a cumprimentar a Terceira vez então ele zangou-se pensando que era falta de respeito da parte da silhueta e deu uma porrada. Então acabaram brigando, lutando⁵ e apercebendo-se que não conseguirá vencer aquela silhueta ele fugiu. Mas, no dia seguinte ele ficou com o corpo inchado. Quando a esposa perguntou o que havia acontecido ele contou isto tudo que eu acabei de falar.

Então nem Hospital, nem Curandeiro não conseguiram resolver aquilo porque ele antes mesmo de ir no Hospital faleceu, porque ele estava com o corpo todo inchado. Mas a esposa é que ficou com a história porque o marido antes de falecer contou o que havia acontecido⁶.

1.5. *Anapaches e Tokoloshe*

Existem algumas criaturas que apresentam similitudes descritivas com outras latitudes geográficas. Uma delas são os *Anapaches*⁷, espécie de versão maléfica dos *Leprechauns* irlandeses. Quando uma pessoa quer ter mais dinheiro dirige-se a um curandeiro e compra as

⁵ Também em Portugal, algumas versões da “Luz da Caniceira” se assemelham a este relato, como a seguinte: “Conta-se que, na Herdade de Palma, um homem andava a cavalgar quando viu a luz. Atemorizado, praguejou contra o fenómeno. De imediato o cavaleiro terá sentido uma bofetada que lhe deixou na cara a marca de uma queimadura.” www.cm-alcacerdosal.pt/pt/municipio/concelho/patrimonio-etnografico/lendas/lenda-da-luz-da-caniceira/ [consultada a 25.11.2018].

⁶ Informante: José Carlitos, 19 anos, natural da Beira, província de Sofala e a residir em Mangunde. Testemunho recolhido a 8 de Fevereiro de 2018 em Mangunde. A história passou-se por ouvir dizer.

⁷ Os *Anapaches* supostamente são criados pelo curandeiro desde tenra idade, crianças normais que o curandeiro impede de crescerem normalmente. Quando o curandeiro vende o casal de *Anapaches* dá uma bebida, uma droga, ao comprador, como forma de criar um laço entre o dono e os *Anapaches*. Na casa do dono, existirá um compartimento onde este (e apenas a sua esposa) poderão entrar, mais ninguém estará autorizado a o fazer. Se alguém entrar que não os donos dos *Anapaches*, estes (donos) poderão enlouquecer ou ficar pobres. Os *Anapaches* alimentam-se de sangue humano, que obtêm geralmente de uma das seguintes formas: ou por sangue que os donos lhes levam ou ao ter relações sexuais com os seus donos, sugando o sangue de ambos (geralmente tal acontecendo mais com a mulher do casal). O curandeiro quando vende os *Anapaches* dá uma série de instruções ao dono acerca do que pode ou não pode fazer. Geralmente é-lhe dito que, se sacrificar alguém da própria família, mais dinheiro irá receber por tal sacrifício. E que quão mais próxima a pessoa sacrificada for, mais dinheiro irá receber por essa prova de lealdade para com os seus *Anapaches*.

ditas criaturas. Deverá sempre adquirir um casal. Enquanto os possuir e bem tratar será sempre rico e próspero.

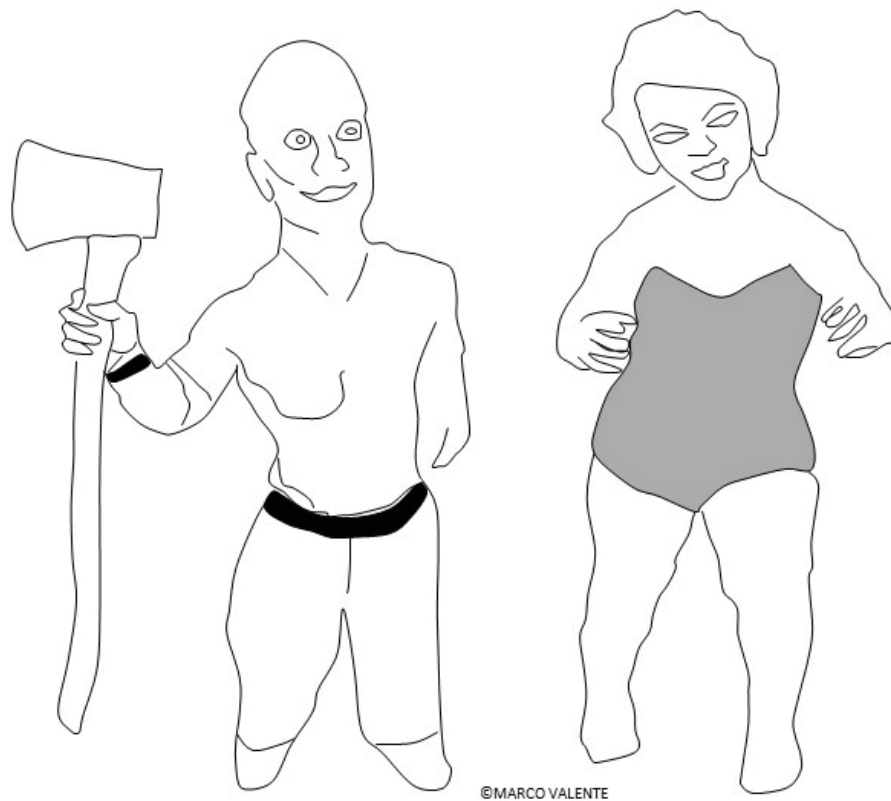


Figura 5. Casal maléfico de Anapaches. Fonte: desenho de Marco Valente

Várias são as histórias relacionadas com estas criaturas, na maioria efectuando acções maléficas, como reza a seguinte versão:

“Reza a Lenda que os Anapaches são um ser místico, que possui certos poderes. Então, tu tendo... se tu possuis um Anapache vais ganhar uma riqueza inexplicável, né? Então, Anapaches são uns seres que se diz que são... pequeninos!!! Pequeninos!!! Que também podem ficar invisíveis, né? Eles também podem entrar em bancos e roubar dinheiro. Roubam dinheiro mas... não é um dinheiro que tu vais... vais dizer que... foi roubado. Tu dizes que: «Eh pá! Eh pá, eu perdi esse dinheiro.» Nem sabes explicar como é que perdeste o dinheiro. Às vezes tens o dinheiro no bolso, né? E, esse mesmo dinheiro desaparece. E tu não sabes como gastaste ou como usaste. Às vezes usas de uma forma inexplicável. Às vezes também está no bolso esse dinheiro e perde-se, mas é porque alguém tá a te tirar esse dinheiro e tu não sabes.

Então a Lenda diz que eles compram-se com os curandeiros, adquirem-se por certo preço, então eles são um ser que come muito. Ficam trancados num quarto. Se tu ou outra pessoa de tua casa, ou teus filhos for abrir esse sítio que eles estão, eles podem perder a vida.

Esse Anapache só tu é que podes lidar com eles, porque ele te pertence só a ti, ele te pertence só a ti. E comem muito mulher não sabe, só tu é que sabes. Ela só sente que alguma coisa está a acontecer. Só o dono do Anapache é que vê, é que sabe que aquilo tá a acontecer.”⁸

Poucas são as histórias em que não se escuta que se efectuam estas ditas acções maléficas, tais como a seguinte:

“Esses Anapaches também dizem que tem uns Anapaches que é do bem. Mas tu tens que ter muita sorte. Porque eles vivem na selva, porque é um ser normal. E se tu estás no mato. E há um caso de Quelimane que chamam esse senhor do mais rico de Quelimane. Tipo ele tava na mata, era caçador. Além de caçador tinha pequenos negócios, né?, camião. Só que ele teve sorte de deparar-se com Anapache. Só que o Anapache quando ele encontrou, ele não temeu, não teve medo. O Anapache levou-lhe, ele **seguiu**, foi... então ele apresentou-lhe a casa onde moravam. Tipo quando apresentam-lhe a casa onde moravam eles serviram-lhe a comida e a comida deles é feia, é tipo... uma comida que qualquer pessoa pode estranhar. Então esse senhor de Quelimane não estranhou a comida. Ele comeu, conversou com eles e tal. Ao ir embora, por ele também ser boa pessoa, o Anapache entregou-lhe um pó né, um pó mágico. Que dizia que: «Espalha em tudo o que é teu negócio, vais espalhar esse pó em tudo o que é fonte de renda para ti.» Então o senhor volta, espalhou nos camiões, nos bolinhos que a mulher vendia, que etc... etc... então tudo o que ele espalhou, aquilo foi como uma benção. Quando é um caso assim tu não perdes essa riqueza, essa riqueza vai de geração em geração, vai-se multiplicando porque é uma coisa de Deus. Tipo Deus deu, né? Mas quando é um caso de tu comprares no Curandeiro, praticamente estás a obrigar ele a te ajudar, e aquilo tem um prazo. E às vezes também tem umas certas obrigações, às vezes tu és tão rico, mas tu não podes comer bem na tua casa. Tá a ver?

Às vezes tens que matar uma pessoa, tipo para poder manter aquele, para o Anapache comer para poder ficar mais, mais forte né? E ganhas mais tempo, quando tu matas uma pessoa muito querida, quanto mais querida for a pessoa mais anos de riqueza tu tens. Tá a ver? E às vezes tu não podes comer muito bem. Tipo há regras né?

És tão rico, tens carros, tens milhões, tens uma vida de ostentação. Mas na tua casa quem come bem são os teus filhos, tu tens que sacrificar, tens que comer shima, peixe seco, aquela comida de pobre. Cacana. E às vezes és obrigado a não vestires bem também, seres uma pessoa que veste mal. Então aquilo é uma certa droga que eles dão para que tu tenhas essa vida. Essa é mais ou menos a história que eu sei, sobre os Anapaches.”⁹

Algumas das histórias relatadas em Moçambique (Sul e Centro) relacionadas com os *Anapaches*, quando contadas na África do Sul, estes seres míticos assumem uma outra designação, a de *Tokoloshe*, descrevendo criaturas similares aos *Incubus* e *Sucubus*¹⁰ das mitologias europeias.

⁸ Informante: Richaad Mahomed, 25 anos, natural da cidade da Beira, Província de Sofala. Testemunho recolhido a 30 de Abril de 2018 na cidade da Beira.

⁹ *Idem*.

¹⁰ *Incubus* (latim *incubare*) é um demónio com forma masculina que invade os sonhos de pessoas fragilizadas emocionalmente, para ter relações sexuais com estas. Drena a energia das vítimas e deixa-as vivas para continuar a alimentar-se das mesmas quando estas voltarem a cair no mundo dos sonhos. *Sucubus* (latim *succubus*) é um demónio de aparência feminina, que

E de vez em quando até pede a tua mulher, para ele andar com a tua mulher. Às vezes, à noite, ele vem e traz a tua mulher. Tu é que sabes, mas a tua

“The two difference of Tokoloshe. Some of them they come to sleep with my wife or your wife, or something. They choose one, they choose one, maybe one girl into that family to go and clean the house every day and in the morning and to give them something to eat like the blood.

Sometimes you can kill the cattle (the sheep, the goats or the cow), yeah, but most of them they need the blood for the human being. And then, if you can't do like that, She come to be worried, and then She can kill you, or She can kill anyone from the family [if you don't feed her].”¹¹



Figura 6. *Sucubus* Africana. Fonte: desenho de Marco Valente

realiza o mesmo tipo de acções de um *Incubus*, com os homens, colectando o seu esperma para engravidar a si mesma ou outras *Sucubus*. Podem viver aproximadamente 750 anos.

¹¹ “As duas diferenças entre Tokoloshe. Alguns deles vêm para dormir com a minha ou a tua mulher, ou alguém. Eles escolhem um, escolhem um, talvez uma rapariga daquela família para ir e limpar a casa todos os dias e de manhã dar-lhes algo a comer como o sangue. Por vezes, podes matar o gado (ovelhas, cabras ou vacas), yeah, mas na maioria das vezes eles precisam de sangue de ser humano. E depois, se conseguires fazer assim, ela vem a ficar preocupada, e depois ela pode matar-te, ou pode matar alguém da tua família [se não a alimentares]. (tradução de Marco Valente). Informante: Thomas Mulaudzi, 44 anos, natural de Limpopo, África do Sul. Testemunho recolhido a 26 de Fevereiro de 2018, num voo para Maputo.

1.6. *Djin/ Jeny/ Geny*

Os Génios da Lâmpada dos filmes (e contos, ou baseados em contos infantis) são apresentados geralmente como criaturas benéficas, sempre dispostas a realizar os desejos dos seus donos. Essa transformação ocorreu no início do século XVIII, quando Antoine Galland traduziu erradamente a palavra Jinni para Geni. Os Djinn são demónios com cerca de 4.500 anos. De acordo com o Corão, Deus criou os Djinn a partir do “fogo de um vento flamejante”. Só muito tempo mais tarde é que os humanos teriam sido criados a partir da lama e do barro. A raça dos Djinn está plena de demónios e espíritos, cada qual com o seu lugar no Pandemónio. Existem os Shaitan (origem da palavra Satã), Nasnas, Ghuls, Ifrit e Marid. Marid são os que conhecemos usualmente presos em garrafas e são os mais poderosos e maléficos de todos os Djinn. Daí a ironia da representação, por exemplo, no filme da Disney acerca de Aladino, de um génio da lâmpada com boa índole¹².



Figura 7. *Djinn*. Fonte: desenho de Marco Valente

“Aqui na zona de Senga, concretamente, há pessoas possuídas por alguns Espíritos Maus, que eles chamam de Djinn. Quando essas pessoas se apercebem que têm esse Espírito Mau, recorrem a determinadas figuras que conseguem atenuar ou retirar o mesmo Espírito, designados como *Fungi*. São os Guardiães, ou os Professores, ou os que dominam aquela área dos Espíritos Maus. E quando alguma pessoa se apercebe que tem algum Espírito Mau, um Mau Djinn, no processo de tratamento, fazem-se algumas cerimónias, uma espécie de Dança /

¹² Para o povo *Mende*, da Serra Leoa, *genii* consistem em espíritos que ocasionalmente tentam possuir homens vivos, e só usando magia os podem combater. Para povos islamizados os *Djinn* são por vezes associados às *Sucubus*.

Canto, acompanhado de algumas comidas e alguma celebração. E também sem deixar de lado algumas coisas que eles usam para que a cerimónia decorra bem, como alguns incensos (como o *Lubani*) e outros produtos necessários para a retirada dos Espíritos Maus.”¹³

1.7. Figuras míticas

1.7.1. Saidi Rahman e Fátima sua esposa (Sepulturas Sagradas e Arte Rupestre)

A influência do Islão Shiita, devido aos contactos estabelecidos desde há mais de um milénio com Shiraz e os seus míticos 7 Príncipes é lendária, mas pode ser observada num grande número de locais, espalhados ao longo de toda a Costa Este Africana de Moçambique (assim como Tânzania, etc...). Em Barada (Nova Sofala), existe um local sagrado mais conhecido pelos Homens com quem fomos entabulando conversações. Mas para as Mulheres, dois locais sagrados mais se destacam, um deles, muito certamente com raízes milenares. Mas vamos por partes:

1.7.1.1. Túmulo de Saidi Rahman

As histórias relacionadas com Saidi Rahman e sua esposa Fátima, povoam o imaginário dos habitantes de Nova Sofala. Cinquenta anos (1555) após a chegada e estabelecimento dos Portugueses na Feitoria / Fortaleza de S. Caetano de Sofala (1505), que tinha posto em causa o monopólio comercial islâmico nestas latitudes, parece-nos ter sido criado o Mito do “Mwenhe Mukuro” (“Grande Muçulmano”). Apresenta-se-nos como uma tentativa tomada desde essa altura, de reclamação do direito de posse (do comércio da zona) através da criação de um mito religioso – acção igualmente comum ao Cristianismo, em relação a precedentes religiões, ditas “pagãs”, por aqueles e sua apropriação através da “santificação” de locais sagrados ou de importância / relevância económica aquando do início do seu processo de mitificação.

¹³ Informante: Fabião Constantino, aproximadamente 38 anos, natural da aldeia de Senga, Província de Cabo Delgado. Testemunho recolhido a 21 de Fevereiro de 2018 nas proximidades de Senga (tradução de Falume Dade, 28 anos, natural de Pemba, Província de Cabo Delgado).



Figura 2. Santuário do “Mwenhe Mukuro”. Fonte: foto de Marco Valente

Mwenhe Mukuro é um local de oração, e não apenas para as comunidades muçulmanas de feição xiita, mas também para as comunidades que seguem diversas outras religiões e credos mais tradicionais locais, com uma clara influência do Animismo.

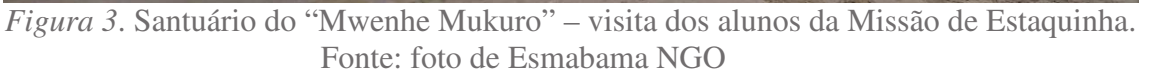
Existem diversas lendas (que temos vindo a coligir) dignas das Histórias de *Sherazade* das “Mil e uma Noites”. Existe uma em particular relacionada com as ossadas humanas que teriam sido encontradas nuns rochedos junto à praia:

“Durante 3 noites seguidas, alguns muçulmanos que habitavam nas rdondezas da praia de Sofala, tiveram o mesmo sonho, de que deveriam ir à praia, dirigir-se a um local em particular, onde encontrariam algo de imensa importância.

Não foram na primeira noite, não dando importância ao sonho, não foram na segunda noite, mas na terceira noite, depois de alguns deles debaterem acerca do sonho similar, resolveram deslocar-se à praia.

Num local, junto às rochas, encontraram algumas ossadas pertencentes a um ser humano. Concordaram imediatamente – após uma série de prodígios – que seriam as ossadas de um Homem Sagrado. Seriam os restos mortais de Saidi Rahman, antigo descendente dos Príncipes de Shiraz (os *Shirazi* dos quais muitos muçulmanos na costa Este de África afirmam ser descendentes directos, por forma a reclamar o seu direito de governação, ainda nos nossos dias).

Naquele mesmo local edificaram uma pequena casa / santuário e, desde então, é o local onde os peregrinos de diversas confissões religiosas, se dirigem, para agradecer por milagres concedidos, ou pedir pela concessão de novos milagres.”



¹⁴ “Um sítio arqueológico é um acumulador de valores: tem a ver com a memória, com o colectivo (...) com a observação directa do que resistiu à erosão e, portanto, deixa entrever a eternidade; com a melancolia da perda (...)” (Jorge, 2003, p. 162).



Figura 4. Alunos a alimentar os Guardiões do Santuário do Mwenhe Mukuro. Fonte: foto de Esmabama NGO

Os pequenos macaquinhos que habitam o local do Santuário, são vistos pelos habitantes locais como a Reencarnação dos seus antepassados, que mantêm assim uma vigilância aos restos mortais de Saidi Rahman. É mandatória a sua alimentação, como sinal de respeito pela sua tarefa Sagrada. Por forma a visitar o local os Líderes religiosos terão sempre de ser contactados previamente, para que possam fazer as cerimónias de apaziguamento dos deuses que mantêm a vigilância deste local sagrado.

1.7.1.2. Nhanhibui ou a Pedra de Fátima

Não muito longe deste local, algumas centenas de metros mais para Norte, existe um afloramento calcáreo sagrado. É conhecido mais pelas Mulheres desta zona e locais

limítrofes¹⁵. É utilizado como local de oração pelas mesmas, que a ele se deslocam para pedir para terem um bom casamento, para engravidarem ou para que a sua gravidez corra bem.

Neste, podemos observar um podomorfo acompanhado de uma pequena covinha, onde poderão colocar algumas libações, quando efectuam as suas orações privadas neste local.



Figura 8. Gravura Rupestre inédita de Nhanhibui, ou *Pedra de Fátima*. Fonte: desenho e foto de Marco Valente

Um local de culto ancestral, apropriado assim por uma religião que adveio posteriormente, à semelhança de tantos outros locais com Arte Rupestre espalhados pelo Mundo. Dizem os locais, numa versão por nós escutada, que a pegada que aí podemos observar se trata da pegada de Fátima, a esposa de Saidi Rahman, que queria partir do local onde estaria enterrada, para se encontrar com o seu Amado Esposo.

1.7.2. A Raça dos Gigantes Antepassados Ancestrais

No Norte de Moçambique – à semelhança do sucedido com as gravuras rupestres de Nhanhibui –, existirão alguns podomorfos gravados em rochas em praias ou mesmo num rochedo no meio do mar, visível apenas durante a maré baixa. Estes são explicadas pelos povos locais, como prova da passagem da raça de Gigantes Ancestrais que se encontram descritos nos textos do Corão. E que estes mesmos locais consideram como seus antepassados directos.

¹⁵ “As linguagens populares, os provérbios, os mitos, os contos e as lendas em cada contexto refletem e reforçam o pertencimento e a construção dos seres feminino e masculino (...) identidades e responsabilidades diferenciadas” (Braço, 2014, p. 260).



Figura 9. Gigante Ancestral. Fonte: desenho de Marco Valente

“Na ilha de Muamize, existem as marcas de pés gravados na rocha, de um homem alto, grande, enorme. Existe um povoado antigo onde já ninguém vive – tem pessoas que lá se dirigem uma vez por ano, apenas Homens. Alguns vão rezar e outros apenas para visitar. Mostrar que existiam antepassados daquele tamanho. O pé estará gravado numa rocha junto à praia. O Líder e o Secretário de Senga vão lá no Dia dos Heróis Moçambicanos, efectuar algumas rezas / cerimónias / pedidos (3 de Fevereiro).

Na ilha de Kilamibi, existe a gravura de um pé grande e as cavernas nas rochas, onde as pessoas viviam. Estão trancadas com ferros e ninguém lá pode ir. Diziam que as pessoas eram muito altas, esses antepassados.

Em Mbuizi, a cerca de 37km da Vila de Palma, existe igualmente um pé gravado numa rocha. Ao lado desta rocha está um arbusto que nunca murcha. As pessoas costumavam por curiosidade ir visitar e fazer pedidos.

Por último, em Palma Sede, existe um rochedo no meio do mar, igualmente com um pé gravado. Esse pé gravado seria uma marca dos antepassados que seriam altos. Apenas é acessível durante a maré baixa. Existem uns baixos perto desse rochedo, onde estarão depositadas 3 arcas com tesouros. Os chineses terão tentado lá ir, mas nem eles teriam conseguido recuperar esses tesouros.”¹⁶

¹⁶ Informante: Costa Carlos Gomes, 25 anos, nascido em Mueda, habitante de Senga, Província de Cabo Delgado. Testemunho recolhido a 31 de Julho de 2019.

1.7.3. Gungunhana e *Mahambaetu* / *Mahambaeti*



Figura 10. Gungunhana – Monarca do Reino / Império de Gaza. Fonte: desenho de Marco Valente

Em algumas grutas sagradas, localizadas em Grudja (perto do Rio Búzi), surgem marcas de pés e/ou mãos humanas, de acordo com as palavras dos nossos entrevistados. As ditas são associadas a algumas figuras míticas, como a do Boxeur *Mahambaetu* / *Mahambaeti*¹⁷ ou ainda de Gungunhana.

Gungunhana, certamente não o autor de tais gravuras, ocupa um lugar de destaque para os Moçambicanos, por isso a sua figura mítica é não raras vezes associada a locais com representações de arte rupestre milenares. Mas ainda carecem de mais estudos e deslocações ao local para averiguar o que existe de facto e registar as lendas e contos associados às mesmas.

O que está ao nosso alcance fazer para salvaguardar estas tradições orais¹⁸:

¹⁷ Boxeur Moçambicano, aqueles cujos contos descrevem como uma espécie de Mohamed Ali (Cassius Clay) para o seu próprio povo, os N'Daus. Ele era aquele que poderia lutar contra homens brancos no ringue e ... vencer! O seu nome pode derivar da palavra em dialecto N'Dau Mahambavheto - aquele que acorda cedo, sem medo do nevoeiro matinal.

¹⁸ Concorremos a diversos projectos de recolha, inventariação, estudo e publicação de lendas associadas a sítios de interesse patrimonial. Apenas para citar alguns: Bolsa da National Geographic para o estudo das manifestações de Arte Rupestre do Centro de Moçambique e Lendas a estas associadas (assim como aplicação de novas tecnologias a estes locais) – Projecto não aprovado. Projecto a concurso pela União Europeia pela Universidade de Patras (Grécia), em stand-by, nos campos do teatro e literatura (para crianças e adultos) e da recolha da tradição oral.

1.7.3.1. Recolher atentamente, inventariando todas as histórias dignas dessa mesma recolha;

1.7.3.2. Publicar e divulgar pelo maior número de pessoas possível;

1.7.3.3. Inserir estes relatos em Projectos de Recolha e Protecção Patrimonial Material e Imaterial, com valências multifacetadas, por forma a passarem a figurar como partes inalienáveis da Identidade Humana.

Irá suceder a estas tradições o mesmo que sucedeu à imagem / memória dos Portugueses retidas pelo comum dos Moçambicanos, na faixa entre os 20/30/40 anos de idade, do completo desaparecimento (*damnatio memoriae*) do ex-colonizador da imagética geral?¹⁹ Tanto que, quem me vê chegar, enquanto branco, dirige-se a mim geralmente em Inglês²⁰, crendo que o sou [Inglês] ou *Afrikaan*.

Em relação aos Portugueses, a imagem que ficou (pelo que temos escutado de Norte a Sul) é escassa e distante ou ausente. Citamos então 3 testemunhos em seguida, do Norte, Centro e Sul de Moçambique:

“A recordação [dos Portugueses] que trago é positiva. Porque até à saída dos Portugueses, todas as cidades que nós temos é herança da Cultura Portuguesa e pouco se tem alterado até então. Isto foi tudo mudado (nomes das ruas, localidades) quando houve a Independência, mas os mais velhos continuam a considerar os nomes antigos. Muitos deles guardam os escudos (notas e moedas), como uma memória que eles guardam desse tempo. Até mesmo a civilização que eles guardam é a civilização Portuguesa e contestam a civilização actual. A minha avó ainda guarda algumas notas e moedas de escudo e não as dá a ninguém por nada deste mundo, são como relíquias. Porto Amélia, a parte mais velha, agora Pemba, outrora era conhecida como Gerónimo Romero, que é conhecida como a Cidade Baixa, a zona das lojas, a zona do Porto de Pemba. Mas os mais antigos ainda a conhecem como Gerónimo Romero.”²¹

“Dos Portugueses pouco ficou na memória. Uma parte que está dos Portugueses são algumas casas que tinham algumas lojas, que estão agora em ruínas. Também falam de algumas

¹⁹ Dos cenários que temos observado maioritariamente pelo Norte (influência da Tanzânia) e pelo Centro (influência menos perceptível do Zimbabwe), a ligação à Commonwealth já trouxe o apagar de muitas memórias. Verificamos inclusive uma certa animosidade pelo ex-colono Português em detrimento do Inglês em múltiplos comentários pela zona Centro. Revivalismos genéticos de antigas revanches, pelo sucedido a Gungunhana e ao Império de Gaza? Cremos que, meramente o apagar de uma memória recente dolorosa, de uma guerra colonial, sucedida por uma guerra civil. Três décadas sucessivas de conflitos armados. Também esses conflitos bélicos sucessivos trouxeram os seus fantasmas e relatos de combates que se escutam mas não se vêem, escutados em diversas latitudes. Também anteriormente, em época colonial, a narrativa “era a narrativa legitimadora do domínio (...) europeu.” (Jorge, 2003, p. 129).

²⁰ Por forma a não ferir susceptibilidades respondo e entabulo conversação em Inglês, com o meu interlocutor momentâneo.

²¹ Informante: Zulficar Ysufu, 33 anos, natural de Pemba, Província de Cabo Delgado. Testemunho recolhido a 21 de Janeiro de 2018, nas proximidades de Senga.

marcações. Os Portugueses deixaram algumas marcações, com blocos de cimento e alguns carris, mas essa linha férrea nunca chegou a ser feita.”²²



Figura 5. Audiência com o Régulo de Mangunde, Marcheta Macacho (pai do falecido Afonso Dlakama), seus Chefes e Sagutas. Fonte: foto de Marco Valente

“A ideia que tem dos Portugueses é boa, acreditando que se tudo [descolonização] tivesse ocorrido de outra forma teria sido melhor para todos. [Em termos utópicos talvez] crê que os serviços de um modo geral funcionassem melhor, pois a ideia que tem e que é partilhada por outros é a de que os Portugueses são muito bons em termos administrativos [que o seu futuro seja como o seu nome, Feliz].”²³

Urge registar todas estas lendas, mitos, contos, por forma a poder dar a conhecer aos “outros” numa perspectiva global, todos estes pequenos universos que se vão auto-preservando

²² Informantes: Régulo de Mangunde – Marcheta Macacho Dhlakama; Calisto Manuel Samuel (Chefe da zona D’Jambe do Regulado de Mangunde) e Afonso Albino Tivango (Saguta do Chefe Calisto). Testemunho escutado e registado em áudio a 2 de Fevereiro de 2018, durante audiência prévia concedida antes da reunião entre o Régulo, Chefes e Sagutas de Mangunde. Agradecemos ao Sr. Inácio Filipe, Gestor da Missão de Mangunde, pela tradução.

²³ Informante: Félix Felizardo, entrevistado em táxi, perto do Aeroporto de Maputo, a 8 de Janeiro de 2018.

e adaptando à constante mutação das realidades temporais. Para melhor compreender quem é este “outro” que afinal não é assim tão diverso do “eu mesmo”²⁴.

Em jeito de conclusão poderemos afirmar que o folclore Moçambicano é extremamente rico, quer em termos de personagens, como de riqueza narrativa. A descoberta de novas histórias ou diferentes versões de uma mesma história ocorre quase que diariamente²⁵. Uma das ideias futuramente, face à dimensão da tarefa, será a de publicar num ou em diversos livros, as histórias recolhidas, seleccionadas, comentadas, analisadas e comparadas com outras partes do globo e os trabalhos efectuados recentemente por diversos colegas.

Existem mais algumas ideias, tais como a realização de um pequeno filme documental em que tais protagonistas / guardiães da memória oral pudessem ser escutados nos seus dialectos originais – traduzidos posteriormente para Português, Inglês e demais línguas. A constituição de um espaço museológico (ou diversos) também estava contemplada em alguns projectos que submetemos ou visamos submeter num futuro próximo. Tais espaços museológicos poderiam possuir gravações (audiovisuais) das recolhas, com objectos, fotografias, entrevistas escritas, documentos vários onde fossem contadas as histórias destes Povos aos alunos de instituições e graus de ensino diversos, seus familiares e demais membros das comunidades onde se inserem.

Também ficariam as histórias arquivadas numa plataforma online, que iria sendo actualizada de tempos a tempos, com novas histórias, versões e protagonistas. A adaptação de algumas destas lendas a peças de teatro para levar a cena com uma companhia teatral estudantil de Teatro Inclusivo também está a ser equacionada em projectos que submetemos ou iremos submeter através da ONG Moçambicana Esmabama.

Agradecimentos

A todas as centenas de informantes que fomos entrevistando pessoalmente ou através de colaboração com a Associação Esmabama, em diversos projectos aos quais estamos presentemente a concorrer, nomeadamente a Missão de Machanga.

Agradeço ao Dr. Fabrizio Graglia (Director Geral da Associação Esmabama), ao Dr. Domingos Júnior (Director da Missão de Machanga) e aos Professores Castigo José, Herculano António Alferes e Bernete Castigo, igualmente da Missão de Machanga.

Aos informantes citados no presente artigo também deixamos a nossa sincera e sentida palavra de agradecimento.

²⁴ Em entrevista ao Jornal Folha de São Paulo, de 16-04-2016, o autor Ungulani Ba Ka Khosa, respondendo à questão acerca do conhecimento da cultura Moçambicana, por parte das crianças brasileiras, afirmava o seguinte: “Falta-nos um maior intercâmbio cultural. É importante que as pontes que se estabelecem façam circular a cultura.” Tudo isto apesar já da aproximação entre os mundos universitários brasileiro e moçambicano.

²⁵ “A localização no território de marcas do passado confere uma estrutura coerente ao imaginário e memória colectiva (...) Associam-se ao local, discursos vários: o que se ouviu dizer, tradições, lendas.” (Oliveira, 2001, p.101).

Referências

- Braço, A. D. (2014). Narrativas Culturais e as Identidades de Gênero em Moçambique. *Gênero na Amazônia* 6, Julho / Dezembro, Belém.
- Carrier, R. (2014). *On the Historicity of Jesus*. Sheffield Phoenix Press.
- Jorge, V. O. (2003). *Olhar o Mundo como Arqueólogo*. Quarteto.
- Oliveira, C. (2001). *Lugar e Memória Testemunhos megalíticos e Leituras do Passado*. Colibri.
- Pereira, R. M. (2005). *Conhecer para dominar – O Desenvolvimento do Conhecimento Antropológico na Política colonial Portuguesa em Moçambique, 1926-1959*. Dissertação para a obtenção Doutoramento em Antropologia, especialidade de Antropologia Cultural e Social, sob orientação do Prof. Doutor Augusto Guilherme Mesquitela Lima, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa.
- Valente, M. (no prelo). *Landmarks and Markings: Signs from the Earth and the Skye's*.
- Valente, M, Maçarico, L., Marques, M. & Veiga, A. (no prelo). *Povo de Pias – Identidade e Património Popular*.
- Valente, M. & Ortega, A. (2018c). Arte Rupestre do Centro Histórico de Lagos por MRM – um *Genius Loci* encontrado?. *Antrope*, CTA-IPT, n.º 9, Dezembro, 35-57. Disponível online em <http://www.cta.ipt.pt>.
- Valente, M. (2018b). Pedra da Lua (Serra do Caldeirão, Almodôvar) – uma redescoberta à luz das novas tecnologias – Modelo de Resíduo Morfológico. *Almadan Online*, n.º 22, Julho, 26-33.
- Valente, M. & Rodrigues, W. (2018a). Velhas Lendas do Castro dos Ratinhos (Moura) (apontamentos recentes acerca de primeiras recolhas efectuadas em 1960). *Aldraba*, n.º 23, Lisboa.
- Valente, M. (2016b). Caminhos da Arte Rupestre - entre Beja e Olivença. *Aldraba*, Lisboa, n.º 19, 7-9.
- Valente, M. & Beigi, Y. H. (2016a). Animal depictions on inedite archaeological artifacts from Pias (Serpa, Beja, Portugal). *Arnava – refereed Journal, Half Yearly, Vol. V*, n.º 1, 64-78.
- Valente, M. (2013). A Luz da Caniceira – um conto popular alentejano. *Aldraba*, Lisboa, n.º 13, 16-20.
- Valente, M. (2012). Sítios Pré e Proto-históricos do Parque Eólico da Serra do Mú – relatórios de um acompanhamento arqueológico. *Vº Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, 571-583.
- Valente, M. (2010b). Arte Rupestre da Serra do Mú (Serra do Caldeirão, Almodôvar). *Revista de Portugal*, Vila Nova de Gaia, n.º 7, 50-57.
- Valente, M. (2010a). Andanças do Diabo por terras Portuguesas. Algumas lendas do Norte e do Baixo Alentejo. *Aldraba*, Lisboa, n.º 9, 9-12.

Valente, M. (2009). Contrabando, lobos e vida campesina – memórias da Dona Catarina Conceição Maria Pedro. *Alma Alentejana Magazine Cultural*, [Almada], Ano 10, n.º 22, 20-29.

Valente, M. (2008). Lendas de Mouros e Mouras da Serra do Caldeirão, breves notas. *Aldraba*, Lisboa, n.º 6, 16-18.

Vasconcelos, J. (2001). Estéticas e políticas do folclore. *Análise Social*, vol. XXXVI (158-159), 399-433.

<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/11/lenda-da-mulher-da-capa-preta-faz-parte-da-historia-de-cemiterio-em-al.html> [consultada a 02.03.2018].

<http://www.lendarium.org/narrative/a-paixão-misteriosa-outra-versao/?category=96> [consultada a 02.03.2018].

www.cm-alcacerdosal.pt/pt/municipio/concelho/patrimonio-etnografico/lendas/lenda-da-luz-da-caniceira/ [consultada a 25.11.2018]

